

Editorial

Os *Cadernos de Filosofia Alemã* trarão no próximo número uma novidade: o subtítulo “Crítica e Modernidade”. Trata-se de um pequeno ajuste formal a uma realidade que já se vem estabelecendo em nossa revista: embora a filosofia alemã continue a ser a principal matriz conceitual dos estudos realizados pelo Grupo de Filosofia Alemã, responsável pelos *Cadernos*, nosso principal objetivo tem sido o de pensar criticamente a modernidade, entendida esta como o panorama histórico e cultural que se impôs no mundo ocidental desde fins do século XVIII.

Nesse sentido, também pretendemos dar guarida – sempre pautados, naturalmente, pelo critério da excelência acadêmica – a textos que não se vinculem diretamente à filosofia alemã, mas que colaborem para, a partir de diferentes pontos de apoio na história da filosofia, interpretar a modernidade e a cena filosófica contemporânea. Na verdade, já tem sido esse o caso, como dito acima, em números anteriores da revista, nos quais publicamos textos inspirados em pensadores antigos ou medievais, bem como outros que dialogam, por exemplo, com autores franceses ou americanos da filosofia atual.

É certo que a filosofia alemã, reconhecidamente produtiva e inovadora desde a época em que, partindo do latim, começou a ser feita nessa língua, segue a ser a principal fonte de inspiração para nossos debates. Mas deixou de ser a única na medida em que se mostrou necessário dar atenção a outros contextos para melhor compreender as questões colocadas pela modernidade. Um bom exemplo disso, já no presente número, é o artigo coletivo assinado por Felipe Gonçalves Silva, Marta Machado e Rúrion Melo, que, embora fortemente lastreado nas reflexões do alemão Jürgen Habermas sobre a esfera pública, procura empregar esse conceito para pensar a questão do racismo e o movimento negro no Brasil.

Afora o texto mencionado, o presente número dos *Cadernos* traz também um artigo de Leonel Ribeiro dos Santos, da Universidade de Lisboa, em que ele, bem ao espírito da revista, procura não apenas analisar a noção kantiana de república, ou o republicanismo do filósofo alemão, mas também mostrar o quanto ele seria atual nesse ponto, podendo ser visto, nas palavras do autor, como responsável pela “reinvenção da ideia de república e de republicanismo”.

O artigo seguinte, assinado por Günter Zöllner e traduzido por Mário Videira, traz, sob o sugestivo título “A música como vontade e representação”, uma interessante reflexão sobre a noção de música na obra de Schopenhauer. Procurando mostrar a centralidade ocupada pela música – e pela arte – no pensamento desse autor, Zöllner acaba por tematizar a própria doutrina transcendental do mundo e sua dupla dimensão: a vontade e a representação.

O terceiro artigo do volume, de Janaína Namba, é outro que poderia servir de exemplo aos desdobramentos do pensamento alemão em autores de outras nacionalidades – no caso, a repercussão da psicanálise de Sigmund Freud na obra do autor tcheco Jan Patočka. Intitulado “Considerações acerca da lenda do pacto com o diabo (lendo Freud e Patočka)”, o texto de Namba faz uma comparação, mostrando semelhanças e divergências, entre o tratamento dado a esse tema por cada um dos dois autores em foco.

Complementada pelo artigo mencionado anteriormente – de Silva, Machado e Melo sobre “A esfera pública e as proteções legais anti-racismo no Brasil” –, a seção de artigos é então sucedida pela entrevista – a primeira depois de muitos números – do filósofo argentino Mario Caimi, renomado estudioso da filosofia kantiana que, tendo realizado recentemente uma nova tradução da *Crítica da razão pura* para o espanhol, foi agraciado no ano passado, durante o XI Congresso Kant Internacional, com o *Kant-Preis* da *Kant-Gesellschaft*.

Após a entrevista, o presente número dos *Cadernos* conta ainda com uma resenha de Oswaldo Giacóia Jr. sobre o livro *Die Deutung der Welt. Jörg Salauquardas Schriften zu Arthur Schopenhauer* (“A interpretação do mundo. Escritos de Jörg Salauquarda sobre Arthur Schopenhauer”), que reúne alguns textos do autor austríaco, escritos ao longo de sua carreira, sobre a obra do filósofo de Frankfurt.

Em apêndice ao volume, por fim, publicamos novamente, na versão que nos fôra enviada para tal pelo autor, Ernani Chaves, o artigo “O Nietzsche “francês” nas páginas da *Zeitschrift für Sozialforschung*”. Por equívoco nosso, esse texto havia sido publicado, no último número da revista, em uma versão incompleta, não correspondendo ao que o autor pretendia ter publicado. Esperando que ele aceite nossas desculpas, optamos, em lugar de uma errata, por republicar o texto em sua versão integral e correta.

Com esse texto, portanto, completa-se o décimo sexto número dos *Cadernos de Filosofia Alemã*, em breve *Cadernos de Filosofia Alemã. Crítica e Modernidade*. Além de acomodar melhor os interesses teóricos de todos aqueles que se reúnem em torno do Grupo de Filosofia Alemã, esperamos que essa mudança também atenda às expectativas de nossos leitores e colaboradores, que nos últimos números já vinham acompanhando uma reflexão de espectro mais amplo. A rigor, reforça-se com isso aquele que sempre foi o propósito mais geral destes *Cadernos*, bem sintetizado na frase de Rubens Rodrigues Torres Filho que serve de mote à nossa nota de apresentação: servir como “um convite à liberdade e à alegria da reflexão”.